

YÁNNIS RÍTSOS

RÍTSOS E OS "DOZE POEMAS PARA KAVÁFIS"

Tradução e nota de José Paulo Paes

Há três poetas gregos contemporâneos cujos nomes ultrapassaram as fronteiras de sua pátria para se projetar internacionalmente — Seféris, Elýtis e Rítsos. Os dois primeiros devem parte de sua notoriedade ao prêmio Nobel com que foram laureados, em 1963 e 1979 respectivamente. Já o prestígio extrafronteiras do terceiro — que não recebeu o Nobel, embora houvesse sido indicado duas vezes para ele, — teve a acoroçoá-lo a militância política de esquerda. Ao lado de Neruda, Aragon e Hikmet, Rítsos figurou em certo momento no altar-mor da poesia socialmente engajada. Nesse tipo de culto, não deixou de haver, pelo menos no seu caso, uma injustiça flagrante: independentemente de qualquer conotação ideológica, a excelência da poesia de Rítsos bastava por si só para recomendá-lo às atenções do mundo.

Nascido em 1909 ao sul da Grécia continental, em Monemvasiá, Yánnis Rítsos teve uma vida cheia de reversos. A tuberculose lhe fragilizou a saúde e a pobreza lhe amargou os dias de juventude. Mais tarde, as perseguições políticas o fizeram passar anos em prisões e campos de concentração das ditaduras gregas. Nada disso o impediu, todavia, de realizar uma vigorosa e extensa obra literária. Nas dezenas de volumes que publicou, a poesia "pura" divide terreno com a "participante" e o teatro em versos com a efusão lírica e a épica nacional. Os *Doze Poemas para Kaváfis* foram publicados em livro em 1963; pela força de sua contensão dramática, que jamais descai no patético, constituem uma homenagem condigna àquele que, mestre insuperado da modernidade grega, foi, mais do que isso, um dos maiores poetas deste século.

Tematicamente, sobretudo na cenografia, os *Doze Poemas* evocam a lenda do velho poeta que Lawrence Durrell, no seu *Quarteto de Alexandria*, popularizou como o próprio *genius loci* da multissecular, erudita refinada e dissoluta capital do helenismo. Rítsos focaliza Kaváfis nos seus últimos anos quando, já aposentado do serviço público, era o centro da

vida literária grega de Alexandria. Continuava a morar no Nº 10 da Rue Lepsius, em Massalia, um antigo bairro grego já então em decadência. No andar térreo da casa alojava-se um bordel, pelo que o poeta divertia-se em dizer: "Eu sou o espírito, abaixo de mim está a carne". Era no primeiro andar dessa casa de "má fama" onde ocupava alguns aposentos alugados, cheios de velhos móveis, entre os quais a escrivania com entalhes referida no poema I de Rítsos, que ele se entretinha em receber os seus visitantes — amigos, familiares, efebos, jovens e velhos escritores como Forster, Marinetti e Ungaretti. Os frequentadores mais assíduos do primeiro andar da Rue Lepsius deixaram testemunhos por escrito dos hábitos de vida de Kaváfis e registraram frases significativas de suas conversas: três delas são transcritas por Rítsos nos poemas VI e VII. Os retratos do poeta dessa época mostram-no com os indefectíveis óculos de lentes redondas e aros de tartaruga (poema V); o cigarro reticencioso que aparece no poema VII de Rítsos, Kaváfis o costumava fumar com piteira, cortado pela metade, por razões de higiene ou de economia, usando-o como um "estratagemma dramático" para pontuar a conversação, conforme refere o seu biógrafo Robert Liddell. Na Rue Lepsius, não quisera ele instalar eletricidade: à luz crua das lâmpadas elétricas, preferia a iluminação mais suave da lâmpada de querosene celebrada por Rítsos nos poemas II e III, ou mesmo de uma simples vela, "cujas luz mortífera" compunha "uma atmosfera mais propícia" para "as Sombras do Amor" que o visitavam, ele já quase sexagenário, em 1920, ano em que escreveu "Para que venham".

Da cenografia evocada por Rítsos restaria mencionar o grande espelho, que ao deixar para sempre a casa da Rue Lepsius, Kaváfis tem o cuidado de cobrir com um lençol (poema X): trata-se talvez do espelho veneziano pendurado acima do velho consolo de família que ornava o salão "árabe" do primeiro andar. E a cena do poeta chorando sentado sobre a mala é atestada por Ríka, esposa do herdeiro literário de Kaváfis, Aléxis Singópoulos. Foi o casal Singópoulos que cuidou desveladamente dele na doença que lhe pôs fim aos dias — um câncer de garganta. Conta Ríka nas suas memórias que, quando o estado de saúde de Kaváfis se agravou irreparavelmente, após uma traqueotomia em Atenas, ela e o marido lhe prepararam uma mala de roupas e livros para levá-lo ao hospital onde morreria pouco depois: "Quando ele viu a mala, pôs-se a chorar. Tentamos acalmá-lo nesse momento conflagrador, em que estava deixando para todo o sempre a sua casa". Como o protagonista de "O deus abandona Antônio", o poeta morreu (29/4/1933) na sua bem-amada Alexandria, "corajoso, / como cumpre a quem mereceu uma cidade assim". Esse momento final não aparece no ciclo de Rítsos: os dois poemas que o encerram voltam-se para a posteridade de Kaváfis, em que o mesmo filisteísmo que o ignorou e o manteve a distância quando ainda vivo vai se apoderar do seu cadáver para tentar transformá-lo em estátua respeitável.

A tradução a seguir apresentada dos *Doze Poemas para Kaváfis*, de Yánnis Rítsos, foi feita a partir do texto grego da 5a. edição de 12 *Poíματα γιά τον Καβάφι* (Atenas, Ekdóseis "Kédros", 1979). Tive acesso a essa

edição graças à gentileza de Nina Anghelidis-Spinedi, que vem divulgando a poesia grega contemporânea na Argentina e foi recentemente distinguida com o prêmio de tradução do Fundo Nacional das Artes, daquele país, por sua versão castelhana de *Maria Neféli de Odisséas Elýtis*. Verteu ela também os *Doce Poemas para Kavafis* (Buenos Aires, Ed. Agon, 1987), versão que consultei com grande proveito para esclarecer dúvidas de interpretação textual, juntamente com *Twelve Poems for Kavafis*, versão inglesa de Rae Dalven incluída em *The Fourth Dimension: selected poems of Yannis Ritsos*, Boston, David R. Godine, s.d. [1976?].

I

O ESPAÇO DO POETA

A escrivanhinha negra com entalhes, os dois candelabros de prata,
o cachimbo vermelho. Está sentado, quase invisível, na poltrona,
com a janela sempre às suas costas. Por detrás dos óculos,
enormes e cautos, observa o interlocutor
à luz intensa, ele próprio oculto dentro de suas palavras,
dentro da História, com personagens seus, distantes, invulneráveis,
capturando a atenção dos outros nos delicados revérberos
da safira que traz num dedo, e alerta sempre
para saborear-lhes as expressões, no momento em que os tolos efebos
umedecem os lábios com a língua, admirativamente. E ele,
astuto, sôfrego, sensual, o grande inocente,
entre o sim e o não, entre o desejo e o remorso,
qual balança na mão de um deus, ele oscila por inteiro,
enquanto a luz da janela atrás lhe põe na cabeça
uma coroa de absolvição e santidade.
"Se a poesia não for a remissão — murmura a sós consigo, —
não esperemos então misericórdia de ninguém."

II

SUA LÂMPADA

A lâmpada é suave, complacente; ele a prefere
aos outros tipos de iluminação. Regula a sua luz
conforme às necessidades de momento, conforme
o desejo eterno, inconfessável. E sempre
o cheiro de querosene, uma tênue presença
discreta, à noite, quando volta solitário,
com tal cansaço nos membros, tal futilidade
no tecido do paletó, nas costuras do bolso,
tal que cada movimento parece ser supérfluo, intolerável —
a lâmpada, uma ocupação a mais — a mecha,
o fósforo, a chama a perigar (com suas sombras
sobre o leito, a escrivanhinha, as paredes) e sobretudo
aquele vidro — sua frágil transparência
que a um gesto humano e simples desde o princípio
te compele: proteger-te e proteger a outrem.

III

SUA LÂMPADA AO AMANHECER

Então, boa noite; os dois de novo frente a frente,
a lâmpada e ele, — que a ama, embora se dê ares
de indiferente, fátuo; e não apenas
porque lhe é útil, mas particularmente
porque lhe merece os cuidados; — sobrevivência frágil
de antigas candeias gregas, reúne à sua volta
lembranças e sensitivos insetos da noite, apaga
as rugas dos idosos, amplia as fronteiras,
aumenta as sombras dos corpos dos efebos, cobre
de um brilho suave a alvura das páginas vazias
ou a púrpura oculta dos poemas; e quando,
ao amanhecer, a sua luz empalidece e se confunde
ao róseo do dia, com os primeiros rumores
das portas de enrolar das lojas, dos carrinhos de mão dos vendedores de frutas,
é uma imagem palpável da própria vigília dele, e mais,
uma ponte de vidro que vai dos seus óculos
à manga da lâmpada, e dali às vidraças
da janela, até lá fora, bem mais adiante —
ponte de vidro que o mantém por sobre a cidade,
dentro da cidade, a sua Alexandria, unindo
à sua própria e atual vontade, o dia e a noite.

IV

O APAGAR DA LÂMPADA

Chega a hora do grande cansaço. Ofuscante a manhã
e traiçoeira; — ela assinala o fim de uma outra noite dele, exagerando
o luzente remorso de espelho, cavando, rancorosa,
linhas à volta dos seus lábios e dos seus olhos. Já agora
não adianta a afabilidade da lâmpada ou fechamento das cortinas.
Inexorável consciência do fim sobre lençóis onde esfria
o cáldo alento da noite de verão, e só restam uns anéis
caídos de cabeleiras juvenis — cadeia interrompida —
essa cadeia — quem foi o que a forjou? Não, não adianta
a lembrança ou o poema. E todavia
no derradeiro momento, antes de se deitar, ao se inclinar sobre o vidro da lâmpada
para soprar-lhe a chama e apagá-la, aí então compreende
que está soprando direto na vítrea orelha da eternidade
uma palavra imortal, inteiramente sua, seu próprio alento — o suspiro da matéria.
É muito bom que a fumaça da lâmpada lhe perfume o quarto no dia que amanhece.

V

SEUS ÓCULOS

Entre seus olhos e os objetos estiveram sempre
os óculos herméticos, absortos, cautelosos,
vigilantes e ecléticos — fortaleza de vidro impessoal,
barreira e atalaia — duas trincheiras de água
a cercar o olhar secreto que punha tudo a nu; melhor ainda:
dois pratos de balança — estranhamente — não na vertical,
mas na horizontal. Que poderia uma balança horizontal
suster senão o vácuo, senão a idéia
do vácuo; cristalina, desnuda, reluzente,
no seu brilho se espelhava a procissão
das visões interiores e exteriores dele, numa união equilibrada,
tão material e incorruptível que desmentia de pronto todo vácuo.

VI

REFÚGIOS

"Expressar-se — sustenta — não significa dizer algo,
mas simplesmente falar; falar, por sua vez,
significa revelar; — como falar então?"
E o seu silêncio fez-se de tal modo transparente
que se escondeu por inteiro atrás da cortina,
fingindo olhar pela janela.
Sentindo contudo nosso olhar às suas costas,
voltou-se e pôs o rosto fora da cortina
como se vestisse uma longa e branca túnica,
um tanto cômica, um tanto fora de nossa época,
e queria (ou preferia) que assim fosse, talvez crendo
desviar com isso, de algum modo,
nossa suspeita, nossa hostilidade ou nossa compaixão,
ou estar fornecendo algum pretexto
para a nossa futura (que pressentira já) admiração.

VII

SOBRE A FORMA

Disse: "A forma não se inventa nem se impõe:
está implícita na própria matéria e se revela às vezes
no seu movimento para fora." Lugares-comuns, dissemos,
vaguedades — o que é que se revela então? Ele não mais falou;
fincou o queixo entre as duas mãos como se fosse uma palavra
entre aspas. O cigarro permaneceu indeciso
entre os lábios cerrados — uma branca antena acesa
em vez de reticências, que omitia sempre por princípio
(ou talvez inconscientemente), dissimulando-lhe o silêncio.

Nessa atitude, pareceu-nos vagamente que esperava
numa pequena estação ferroviária, por sob a cobertura,
onde se encontram momentaneamente, numa noite de inverno,
viajantes solitários, com aquele gosto de carvão
da viagem incompleta, e a recíproca infinitude
de sua secreta e antiquíssima amizade. A fumaça do trem
paira placidamente sobre os dois cones horizontais
dos faróis da locomotiva, compactos e esculturais, entre
duas separações. Ele apagou o cigarro e foi-se.



Desenho de Inês de Araújo

VIII

MAL-ENTENDIDOS

Essas suas ambiguidades, intoleráveis; elas nos põem à prova
e o põem também à prova; trai-se claramente
a sua imprecisão, a sua hesitação, a sua ignorância, timidez
e falta de sólidos princípios. Decerto vai-nos envolver
nas suas complicações. E olhava algures, mais adiante,
como que magnânimo e indulgente (feito os que têm necessidade de indulgência),
a camisa imaculadamente branca, o irrepreensível terno cinza
e um crisântemo na botoeira. Todavia,
quando se foi, no lugar onde estivera de pé, distinguimos sobre o pavimento
um pequeno lago muito rubro, lindamente desenhado,
quase um mapa da Grécia, uma miniatura do globo terrestre,
com diversas lacunas e fronteiras deveras imprecisas
— fronteiras semi-apagadas na uniformidade da cor, —
um globo terrestre numa escola muito branca, hermeticamente fechada durante
o mês de julho,
de onde estivessem ausentes os alunos todos, em férias numa praia esplêndida,
ofuscante.

IX

ENTRE LOBO E CÃO

Conheces aquele momento do lusco-fusco estival
dentro do aposento fechado: um fino revérbero vermelho
de través pelas tábuas do forro; e o poema
inacabado sobre a mesa — dois versos só, no todo,
promessa rompida de uma viagem extraordinária,
de uma certa liberdade, uma certa auto-suficiência,
uma certa (relativa, naturalmente) imortalidade.

Fora, na rua, o chamado já da noite,
as sombras ligeiras de deuses, homens, bicicletas,
quando finda o trabalho nas construções, e os jovens operários,
com suas ferramentas, seus cabelos robustos e molhados,
os pingos de cal nas roupas já puídas,
somem-se na apoteose das brumas vespertinas.

Oito pancadas decisivas do relógio de pêndulo no alto da escada,
por toda a extensão do corredor — batidas implacáveis
de martelo, imperioso, por detrás do cristal
sombrio; e, simultaneamente, o perene ruído
daquelas chaves que ele nunca conseguiu
determinar se abriam ou se fechavam.

A HORA DERRADEIRA

Ficou um perfume no seu quarto, talvez apenas
da lembrança, ou da janela quiçá,
entreaberta na noite primaveril. Ele escolheu
os objetos que ia levar consigo. Recobriu
com um lençol o grande espelho. Todavia,
seus dedos ainda sentiam o contacto de corpos bem formados
e o toque solitário da sua pena — oposição nenhuma:
união suprema de poesia. Não queria
enganar a ninguém. O fim estava próximo. Perguntou
ainda uma vez: "Gratidão, acaso, ou vontade
de ser grato?" Por sob a cama apontavam
os velhos chinelos. Não queria
escondê-los — (oh, decerto, em outros tempos). Tão-somente,
ao guardar a pequena chave no bolso do colete,
sentou-se sobre a mala, bem no meio do quarto,
completamente só, e se pôs a chorar, reconhecendo
pela primeira vez, com toda a exatidão, sua própria inocência.

XI

DEPOIS DA MORTE

Muitos o reclamavam, altercavam-lhe à volta,
talvez por causa do seu terno — um terno estranho,
grave, imponente, com certa graça no entanto,
um certo ar, como as vestes fantásticas dos deuses,
no tempo em que frequentavam os homens — disfarçados,
e enquanto falavam dos assuntos públicos, na língua comum, eis que de súbito
se inflava alguma prega da túnica ao sopro — como dizem —
do infinito ou do além.

Altercavam, pois. Que poderia ele fazer? Rasgaram-lhe
as roupas, até as de baixo, rebentaram-lhe o cinto. Sobrou apenas
um mortal comum, desnudo, em atitude de pejo. Todos
o abandonaram. E justamente ali ele se fez mármore. Alguns anos mais tarde,
descobriram, nesse mesmo lugar, uma estátua refulgente,
nua, soberba, altaneira, de mármore pendélico,
a estátua do Eterno Efebo Autoflagelado — esse o nome que lhe deram;
cobriram-no com uma grande lona, e prepararam
uma festa inaudita para o seu desvelamento público.

XII

AVALIAÇÃO

Aquele que morreu era de fato superior,
único; deixou-nos uma excelente medida
para nos medirmos a nós próprios e sobretudo para medirmos
o nosso vizinho: — este aqui tão,
tão pequeno, e outro estreito, o terceiro
comprido como um varapau; nenhum
com o mínimo valor; nada, nada mesmo.
Somente nós sabemos utilizar condignamente
essa medida — mas de que medida falais? —
a de Nêmesis, a espada do Arcanjo;
já cuidamos de afiá-la e podemos agora,
um após o outro, decapitá-los todos.